

ANAIIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

ENTRE O *PARMÊNIDES* E O *SOFISTA* DE PLATÃO

Izabela Bocayuva
UERJ

RESUMO: A teoria platônica das ideias sofreu uma crítica contundente, em primeiro lugar, pelo próprio Platão. Isso fica mais do que claro no diálogo *Parmênides*, onde uma personagem homônima evidencia as aporias inevitáveis de uma suposta dicotomização da realidade e da proposta da participação como uma saída para o relacionamento entre os dois polos criados pela metafísica platônica. No âmbito da primeira aporia que vem à tona na primeira parte do *Parmênides*, encontra-se a questão da possibilidade, ou não, da ideia de coisas desprezíveis tais como cabelo, lama e sujeira, questão essa que nos incomoda e exige investigação. Arriscamos a hipótese de que na segunda parte do diálogo *Parmênides* e ainda na inaugural proposta ontológica contida no *Sofista* podemos perceber uma saída para esse passo aporético.

PALAVRAS-CHAVE: Platão; Metafísica; Filosofia Antiga.

ABSTRACT: The Platonic theory of ideas has suffered a severe criticism, firstly, by Plato himself. It is more than clear in the dialog *Parmenides*, where a homonymous character highlights the inevitable apories of a supposed dichotomization of reality and of a proposal of participation as an outlet for the relationship between the two poles created by Platonic metaphysics. Within the scope of the first aporia that comes to the fore in the first part of the *Parmenides*, is the question of the possibility, or not, of the idea of despicable things such as hair, mud and dirt. This issue bothers us for some motives and requires research. We risk the hypothesis that the second part of the dialog *Parmenides* and still in the inaugural ontological proposal contained in the *Sophist* we can perceive an outlet for this aporetic step.

KEYWORDS: Plato; Parmenides; Metaphysics; Ancient Philosophy.

Nunca é demais voltarmos nossa atenção para a platônica formulação da teoria das ideias. Por mais supostamente conhecida que ela seja, jamais deixa de suscitar questionamentos a começar pelo modo como que ela costuma ser tradicionalmente compreendida, a saber, como a invenção da metafísica enquanto dicotomização da realidade em mundo sensível e inteligível. Na verdade, foi o próprio Platão quem primeiro colocou inteiramente em questão este modo de perceber uma tal formulação. Pode-se considerar o

Bocayuva, Izabela
Entre o Parmênides e o Sofista de Platão

diálogo *Parmênides* como um divisor de águas no que tange a uma mudança de perspectiva na forma de conceber a ontologia por parte de Platão.

Quero aqui enfrentar uma passagem desse mesmo diálogo, que desde há muito me incomoda e que pertence à crise da teoria das ideias no pensamento de Platão, mais precisamente uma passagem que diz respeito a um primeiro momento de aporia que, vindo a somar-se a outros, vai, a meu ver, culminar e ter ressonância no diálogo *Sofista* e numa inteiramente outra proposta ontológica platônica. Me refiro tanto à negação de Sócrates em relação à existência de ideia de cabelo, ideia de lama, ideia de sujeira, quanto à objeção do mestre Parmênides a essa negação, alegando imaturidade¹ por parte de Sócrates. Apresento a hipótese de que a segunda parte do *Parmênides* com todo seu exercício dialético de *koinonía* entre as ideias significa, de algum modo, uma indicação para o amadurecimento necessário ao então jovem Sócrates, uma indicação de saída para as inúmeras aporias que irão se acumular a partir da formulação básica da teoria das ideias. Antes, porém de caracterizar aquela crise e suas aporias, cabe, ainda que sumariamente, entrarmos em contato com as bases da teoria que virá a ser amplamente questionada pelo próprio Platão.

O que enraíza a teoria das ideias é a noção de *chorismós* ou separação, a separação de duas dimensões ontológicas bem distintas, a saber a dimensão inteligível que abarca as ideias e é marcada pela perspectiva da unidade (fundante da realidade) e a dimensão sensível que abarca os entes sujeitos ao nascimento, movimento e perecimento e é marcada pela perspectiva da multiplicidade. Cada ente sensível, perfazendo uma multiplicidade, estaria fundado na ideia, da qual recebe seu nome. Haveria uma anterioridade ontológica da primeira dimensão em relação à segunda. Assim, é postulada para essa subordinação do sensível em relação ao inteligível a noção de participação (*metéchein*²). Um dos graves problemas que irá surgir será esclarecer como pode se efetivar a participação do que é múltiplo no uno sem que isso venha a interferir na unidade deste. No *Fédon*, diálogo em que é fortemente explicitada a

¹ A personagem Sócrates é apresentada nesse momento em juvenil ingenuidade diante da maturidade do mestre Parmênides. Certamente uma ficção que vem bem ilustrar o quanto a teoria que Platão mesmo havia sustentado até então, parece-lhe agora pueril diante de sua própria maturidade crítica. Acreditamos que Aristóteles como discípulo de Platão tenha a ver diretamente com esse acontecimento e por isso mesmo Platão tenha feito a ele homenagem na segunda parte do diálogo na medida em que a personagem Parmênides interage com o mais jovem de todos, chamado justamente “Aristóteles”, ainda que Platão tenha propositalmente, e com toda licença poética, indicado que um tal jovem Aristóteles, personagem do diálogo, era aquele que iria se tornar um dos trinta tiranos, ou seja, que ele não era o Aristóteles que todos conheciam na Academia. Não pode ser mera coincidência que encontremos na obra de Aristóteles objeções a Platão e os platônicos que sejam tão idênticas às formuladas contra a teoria das ideias na primeira parte do *Parmênides* pela personagem homônima.

² Algumas vezes Platão usa também o termo *koinonía*.

Bocayuva, Izabela
Entre o Parmênides e o Sofista de Platão

teoria das ideias à luz da noção de participação, Sócrates deixa bem claro que não vai deixar nada claro como se dá a participação:

... E se, para justificar a beleza de alguma coisa, alguém me falar de sua cor brilhante, ou da forma, ou do que quer que seja, deixo tudo o mais de lado – pois me atrapalho com essas outras coisas todas – e me atenho única e simplesmente, talvez mesmo com uma boa dose de ingenuidade, ao meu ponto de vista, a saber, que nada mais torna algo belo senão tão só a presença ou comunicação (*parousía eite koinonía*) do belo em si (*autò kalón*), seja qual for o modo dela (a participação) advir. De tudo o mais não faço grande cabedal; o que digo é que é só pela beleza em si que as coisas belas são belas. (100c10-d8)

Entretanto, inúmeras aporias se seguem das postulações seja do *chorismós*, seja da participação como proposta de articulação entre as duas dimensões separadas. O diálogo *Parmênides* explora uma a uma essas aporias e radicaliza o problema até o máximo ceticismo, até a impossibilidade do conhecimento das ideias por nossa parte ou a impossibilidade de conhecimento desse nosso mundo por parte do deus que, supostamente, tudo deve conhecer. Mas vamos por partes avançando até aquele momento que acredito ser uma proposta alternativa de saída para tais aporias, a saber, a segunda parte do mesmo diálogo.

Com efeito, a passagem que inicialmente me provoca o pensamento aqui é justamente a que abre o rol das aporias. Sócrates admitindo diante do idoso mestre Parmênides a existência separada da ideia em si mesma do justo, do belo, do bem e de tudo o mais do mesmo gênero, e sendo logo a seguir interrogado acerca da possibilidade da ideia em si mesma, também separada, do homem, do fogo e da água, ele titubeia. E não é só isso. A interrogação provocativa continua, acabando por fazer o jovem negar contundentemente sua adesão à possibilidade da existência da ideia em si mesma de cabelos, lama, sujidade e outras coisas aparentemente destituídas de valor. Diante disso, então, Parmênides diz a Sócrates “– a filosofia ainda não se apoderou de ti como espero que o faça quando não desprezares nada disso. Por enquanto dás excessiva importância à opinião dos homens; é defeito da idade.” (130 e). O que a personagem Parmênides de Platão estaria querendo dizer aqui? O que Sócrates precisa ainda aprender?

Talvez pudéssemos pensar que a personagem Parmênides estivesse apelando para um aprofundamento do jovem Sócrates na sua própria teoria, de tal forma que por causa dela mesma ele não pudesse negar ao cabelo, à sujeira e à lama um referente unitário na dimensão inteligível. É componente interno da teoria das ideias admitir “uma certa ideia (sempre uma só) em relação a cada grupo de coisas particulares, a que pomos o mesmo nome.” (*República*

Bocayuva, Izabela
Entre o Parmênides e o Sofista de Platão

596a6-7). Entretanto não parece ser esse o caso. Fosse assim, Parmênides apenas o estaria enredando em mais uma aporia terrível, a de uma extrema duplicação da realidade. Não que esse problema já não existisse só com a postulação do *chorismós* na base da teoria³, mas não me parece que Parmênides estaria propondo maturidade a Sócrates à medida que este viesse a admitir ideias também para o cabelo, a lama e a sujidade. Platão é bem provocativo ao fazer Parmênides sugerir mais adiante (135c-d) a necessidade de Sócrates praticar o exercício dialético de definição do belo, do bem e do justo, tal como ele mesmo o fará depois. Mas o que irá mostrar tal exercício? O que irá mostrar a Sócrates e a nós o difícil exercício de análise da ideia do Uno realizado pela personagem Parmênides? Como esse exercício poderá lançar alguma luz naquela observação de Parmênides que Platão faz questão de deixar em suspenso?

Como já dito, o problema da duplicação da realidade, articulado à noção imprecisa da participação é fonte, no *Parmênides*, para muitos questionamentos. Por exemplo, como o que é múltiplo participaria do uno? Por partes dele ou por ele como um todo? Em ambos os casos o uno “se partiria”, se multiplicaria, por causa do “toque” multiplicador do múltiplo. Outra aporia, explorada também por Aristóteles, e chamada por ele de “terceiro homem”, é aquela segundo a qual se tomarmos as ideias por paradigmas relativos a cópias semelhantes a eles veremos serem geradas ainda outras ideias terceiras que abarcariam o paradigma e a cópia sendo essas novas ideias mais uma vez semelhantes, o que faria com que fossem geradas outras ideias ainda terceiras igualmente semelhantes e assim infinitamente. Quer dizer que a duplicação da realidade em modelo e cópia mais conduz a aporias do que serve de solução para a compreensão do acontecimento do princípio, da(s) causa(s) primeira(s). As ideias também não podem ser apenas pensamento – como Sócrates segue sugerindo –, pois se o que é sensível participa delas esse algo sensível terá igualmente que ser pensamento e pensar, o que é absurdo, considerando a natureza do que é sensível, ou ser pensamento e não pensar, o que também é absurdo, considerando a natureza do pensamento que não pode ser não pensamento. Como consequência das aporias anteriores, há também o terrível problema epistemológico da nossa impossibilidade de conhecer qualquer ideia que seja, se se dá mesmo

³ Aristóteles no Livro A da *Metafísica* faz justamente uma crítica à teoria das Ideias considerando esse ponto: Quanto aos que primeiro postularam as ideias como causas, querendo apreender as causas das coisas no mundo sensível, introduziram um igual número de entidades supra-sensíveis, como alguém que quisesse contar coisas imaginasse ser impossível fazê-lo se fossem poucas, e tentasse contá-las depois de aumentar o seu número. As Formas são em número praticamente igual, ou pelo menos não inferior, às coisas cuja busca das causas levou esses pensadores às Formas; pois para cada coisa individual há uma Forma correspondente que possui o mesmo nome e existe independentemente das substâncias, o mesmo ocorrendo com todos os outros grupos nos quais há um caráter comum a muitas coisas, estejam as coisas neste mundo ou sejam elas eternas. (A, 9, 990a34- b8)

Bocayuva, Izabela
Entre o Parmênides e o Sofista de Platão

o caso de todas elas se encontrarem numa dimensão outra que não aquela tangível pelo nosso entendimento de base múltipla; e acontece igualmente a impossibilidade do deus conhecer nosso mundo pelos mesmos motivos às avessas. Entretanto, pergunta-se o próprio mestre Parmênides, concordando com a posição do jovem Sócrates: sem a conjectura de uma dimensão inteligível, o que será do pensamento e da filosofia? Assim, não é possível à filosofia que quer conhecer a realidade desde o princípio, abdicar de considerar uma dimensão inteligível que é universal, eterna, constante, imutável, necessária, aquela dimensão reconhecida até então como sendo a das ideias.

Algo, todavia, é absolutamente necessário: manter-se sempre no nível do *logos*. Desde o *Fédon* fica mais do que evidente que é preciso tomar essa atitude. Quando Sócrates está expondo ao seu interlocutor Cebes seu encaminhamento rumo à filosofia, nas vésperas daquilo que ficou conhecido como a “segunda navegação”, Sócrates se dá conta da necessidade de não mais permanecer interrogando a respeito da causa de todas as coisas, isto é, de não mais permanecer buscando o porquê de ser melhor tudo ser o que é, na medida em que olhava direto para as próprias coisas (sensíveis) enquanto interrogava, enquanto buscava. Ele precisava, pois, de um anteparo para não ficar cego. Esse anteparo é anunciado por ele como sendo o *logos*. Só então ele deu o salto filosófico e descobriu que pelo Belo as coisas belas são belas (*tô kalô tà kalà kalá*), pela Grandeza as coisas grandes são grandes, e assim por diante.

No *Parmênides*, o mestre felicita o jovem Sócrates por ele concentrar-se no que é apreendido pelo *logos* e pode ser considerado como ideia (135 e). Mas se é assim, por que Sócrates é considerado jovem demais quando ainda despreza coisas como o cabelo, a lama e a sujidade ou quando ainda tem dúvidas quanto à possibilidade de haver ideia de homem? Eis o meu incômodo... Embora seja expressamente pontuado aqui o pouco valor de coisas como cabelo e lama, não creio que aqui a questão em litígio seja meramente axiológica. Acredito que uma nova proposta em termos ontológicos tem a ver com isso e que poderemos vislumbrar uma saída para tudo isso no diálogo *Sofista*, e que temos já uma indicação para essa saída na segunda parte do *Parmênides*.

Sem a dimensão inteligível, sem a noção de ideia não há como haver filosofia, na verdade, não há como haver discurso de qualquer espécie, nem, por isso mesmo, diálogo e exercício dialético, exercício argumentativo apropriado que separa e reúne o que pode e deve ser separado e reunido (de modo universal e necessário). Ora, é justamente um tal exercício de reunião e separação universal e necessário entre ideias que a personagem Parmênides faz

Bocayuva, Izabela
Entre o Parmênides e o Sofista de Platão

diante de todos nós, por meio da análise exaustiva da ideia do Uno, na qual inúmeras ideias são articuladas entre si das mais diversas formas, e isso a ponto da totalidade da possibilidade e da impossibilidade de todas as coisas ser abarcada. Ora, é preciso atentar para o fato de que o Uno não é uma ideia qualquer. Em mais de uma das hipóteses desenvolvidas no exercício em questão, mas também tal como será exposto no *Sofista*, tudo que é, participa necessariamente do um, seja algo concebido como ideia ou não. Por isso mesmo, pois, a ideia do Uno atravessa o real de ponta a ponta. Por outro lado, seu contraponto mais radical é o múltiplo o qual igualmente participa do real de ponta a ponta, o que fica logo demonstrado através do absurdo a que chega a primeira hipótese desenvolvida no diálogo segundo a qual o Uno, oposto radical ao Múltiplo, não pode nem ser, nem ser pronunciado, nem pensado, se estiver realmente separado do múltiplo, o que leva a um resultado impossível, contraditório por si mesmo, uma vez que já o pronunciamos e já nele estamos pensando, ou seja, uma vez que ele sempre tem que estar de algum modo associado ao Múltiplo. A dialética desenvolvida no *Parmênides* mostra como sendo uma verdade evidente, ainda que paradoxal, que: ainda que o Uno, para ser o que é, tenha que negar radicalmente sua articulação com o Múltiplo, isso mesmo o conduz à sua necessária articulação com o Múltiplo⁴.

Parmênides desenvolve, então, a hipótese do Uno que participa (que tem uma *koinonía* em relação ao) do Múltiplo e que, por isso mesmo, apresenta todas as possibilidades de participação em inúmeras outras ideias, como é o caso do tempo e do espaço em suas diversas modalidades, por exemplo. Depois de justificar a possibilidade do absurdo (*atopon*) da simultaneidade dessas duas hipóteses antagônicas (Uno uno e Uno múltiplo) a partir de uma terceira hipótese, a hipótese do *exaíphnes*, a saber, o instante súbito da mudança entre situações opostas (por exemplo: movimento e repouso, etc...), muitas são as hipóteses desenvolvidas pelo mestre filósofo, seja considerando o uno existente ou não, seja considerando as outras coisas como participantes do uno ou não, a ponto de chegar ao resultado que nos deixa perplexos: “Quer um seja, quer não seja, tanto ele mesmo quanto as outras coisas, tanto em relação a si mesmos quanto em relação uns aos outros, todos totalmente tanto são quanto não são, e tanto parecem quanto não parecem ser.”⁵ (166 c).

O que Platão faz a personagem Parmênides realizar por meio do exercício dialético é trabalhar com todas as possibilidades de relacionamento entre as ideias, de uno, de múltiplo, de ser, de não ser, de movimento, de repouso, de semelhança, de dessemelhança, de mesmo,

⁴ Isso vai acontecer no diálogo *Sofista* em relação à necessidade de o ser ter uma *symploké* com o não ser.

⁵ Platão. *Parmênides*. Tradução de Maura Iglésias e Fernando Rodrigues. São Paulo: Loyola, 2013. 4ª ed.

Bocayuva, Izabela
Entre o Parmênides e o Sofista de Platão

de outro, do número em geral, etc. até o seu limite. No limite das possibilidades orientadas pela ideia de Uno, chegamos ao ponto em que absolutamente tudo pode ser possível (porque tanto pode quanto não pode ser possível), desde que a partir de *lógoi* específicos e bem ordenados. Ordenados por uma *koinonía* sempre a cada vez oportuna. A *koinonía* possível quando está em questão o Uno parece permitir todo modo de ser. É certo que se trata aqui sempre de ideias, mas por que não pensar que tudo o mais quanto há como, por exemplo, nós mesmos, os homens que somos, e o cabelo, a lama, a sujidade, não estaríamos já igualmente envolvidos nessa trama? Me explico.

O que proponho é que desde aquela crise deflagrada da teoria das ideias, Platão estaria sugerindo, por meio do exercício dialético com a ideia de Uno a qual privilegiadamente abarca, em termos de participação, todas as possibilidades, digo, ele estaria sugerindo que a partir de então não se olhe mais a questão da participação de modo duplicado ou dicotômico, como se se tratasse de um problema vertical entre sensível (múltiplo) e inteligível (uno). Isto é, a questão da participação que implica numa relação entre unidade e multiplicidade deveria ser pensada a partir de então como uma questão de *koinonía* universal e invariável entre as ideias, como seria de se esperar em se tratando de ideias. Como o próprio Parmênides demonstra na argumentação dialética, nada escapa a esse jogo de participações, de tal forma que uma radical avaliação da universalidade, necessidade, constância desse jogo de articulações teria que perceber que ele já transborda atingindo tudo o mais, ou seja, nada mais escaparia nem poderia escapar àquele jogo constante pertinente ao Uno⁶, nem mesmo a mais particular e perecível coisa. Um tal jogo estaria já sempre operando como estrutura da realidade como será o caso dos cinco gêneros supremos no *Sofista*.

Se tem cabimento essa interpretação aqui proposta, Parmênides estaria ajudando Sócrates a amadurecer sua hipótese das ideias fazendo com que ele não mais considerasse a questão da unidade e da multiplicidade como ocorrendo entre duas dimensões estanques, isoladas entre si, a saber, inteligível e sensível, mas sim como dizendo respeito a um relacionamento – dentro de certos limites de relação – constante, eterno, necessário pertinente à *koinonía* onibarcante, própria à ideia do Uno, pois atinge, na verdade, sempre absolutamente tudo, até mesmo – e por que não? – um fio de cabelo. É que se pensarmos, por

⁶ Parece-me que o exercício dialético que Parmênides recomenda ao jovem Sócrates irá ensiná-lo justamente que não só a ideia do Uno, mas toda e qualquer ideia consiste num jogo relacional, numa *koinonía* de ideias. Conhecer significa conhecer esse jogo. Assim, quão mais capaz for um de destrinchar o jogo sempre constante, mais sábio será ele. Já no *Fedro* encontra-se essa noção à medida que Platão expõe ali uma hierarquia de almas que teriam visto, ou melhor, ou pior, as ideias aparentes na planície da verdade. Segundo essa proposta de interpretação, o filósofo seria, pois, quem mais relações teria podido abarcar de cada uma das ideias por ter controlado melhor o cavalo rebelde da parelha alada.

Bocayuva, Izabela
Entre o Parmênides e o Sofista de Platão

exemplo, que o Uno não é, que ele não pode ser pensado ou pronunciado, como ficaria, pois, o caso do fio de cabelo, quero dizer, de *um* fio de cabelo ou de qualquer outra coisa que seja? Assim, diante da análise dialética exaustiva da ideia do Uno, nada, absolutamente nada, pode mais ser tomado como desprezível, certamente não por causa de ser fio de cabelo ou sujeira ou outra coisa qualquer. Como eu dizia antes, não se trata simplesmente de um problema axiológico, mas sim de uma questão ontológica. É que Ser e Uno implicam-se inextricavelmente! Mas Uno não é meramente uma ideia monadologicamente isolada (como seria a proposta da primeira hipótese do Uno apresentada no *Parmênides*) e sim uma constante e eterna cadeia de relações, de participações. Vejam como a ontologia proposta no *Sofista* já aparece aqui indicada.

No diálogo *Sofista* o problema da falsidade, o problema da constatação da possibilidade de dizer o Não ser, de haver o que não é, provoca uma investigação acirrada acerca do Ser. Quem orienta e coloca agora em marcha a discussão não é mais nem mesmo um Sócrates em aporia, mas o estrangeiro de Eléia⁷. É no seio da escola de Parmênides que reside a dificuldade. Através de seu *Tratado do não ser*, Górgias já havia feito pela primeira vez a denúncia de problemas resultantes daí, e Platão leva inteiramente a sério, a seu modo, o problema, e faz com que a solução provenha daquela escola mesmo.

O estrangeiro de Eléia, contra a lógica tradicional, e igualmente contra a aceitação vigente desde Parmênides, mas ao mesmo tempo premido pela evidência da verdade, terá que aceitar a *symploké*, a articulação, entre Ser e Não-ser e, com ela, a participação do Não-ser no Ser. O encaminhamento para uma tal evidência foi primeiramente a constatação de como apenas com o pronunciar “não-ser” já se está atribuindo unidade ao Não-ser e com isso igualmente existência a ele⁸. Depois disso, ficou demonstrado que toda imagem não é o que é verdadeiramente. Entretanto, ela é, pois enquanto imagem, ela tem ser. Desse modo, a imagem, a qual sempre não é, sempre de algum modo é, tem de ser. Assim, à revelia do mestre Parmênides, o Não-ser tem de ter alguma relação – e não pouco estreita – com o Ser. Não se trata de uma refutação meramente arbitrária, mas sim que salta da própria realidade⁹, ou seja, que salta da própria *koinonia* entre as ideias, descoberta no exercício, na investigação dialética.

⁷ Alguém que vem do círculo parmenídeo, mas que vai colocar em cheque o mestre. Na verdade, Platão joga aqui com uma interpretação de Parmênides. O parricídio que terá lugar no diálogo *Sofista*, na verdade, não mata o pai, mas liberta-o de uma interpretação simplista.

⁸ Está aqui subentendida a interdependência entre Ser e Uno já apresentada no Parmênides.

⁹ De algum modo chegamos àquela mesma situação do diálogo *Parmênides* que vimos acima, em que Platão faz o mestre ter consciência da verdade impondo que o próprio Uno participe, de certa forma, do Múltiplo.

Bocayuva, Izabela
Entre o Parmênides e o Sofista de Platão

Fazendo uma análise das teses dos pensadores da tradição, o estrangeiro de Eléia acolheu a um só tempo as teses tanto do Movimento quanto do Repouso como constituindo o princípio da realidade. Chegou, por sua vez, igualmente à conclusão de que se ambos, Movimento e Repouso, são, e não podem, enquanto gêneros opostos, ser redutíveis ao Ser, o Ser ele mesmo terá que ser um outro que não eles, ou seja, enquanto ente que ele mesmo é, ele tem que ser um terceiro gênero originário. Ora, nesse momento do diálogo o argumento lembra o jovem Sócrates no diálogo *Parmênides* defendendo a possibilidade de o homem, sendo um só, poder participar do Múltiplo. Múltiplas são as atribuições ou predicções que podem ser ligadas a ele: cores, formas, grandezas, vícios, virtudes (251 a). É que algumas coisas têm possibilidade de *koinonía*, de articulação ou associação e outras não, tal como as letras. Há até mesmo aquelas que apresentam a possibilidade de se associarem com todas as outras como é o caso das vogais. O Filósofo ou dialético, portanto, é aquele que sabe precisamente lidar com as associações adequadas, sobretudo quando se trata de discutir aquelas formas mais fundamentais que dizem respeito ao princípio originário da realidade: trata-se dos *mégista génon*, os gêneros mais importantes ou gêneros supremos. Junto ao Movimento, ao Repouso e ao Ser estão o Mesmo e o Outro. Tanto o Mesmo quanto o Outro são como vogais, associam-se a todos os gêneros, de tal maneira que cada forma é sempre a mesma que ela mesma e é sempre outra que todas as outras, o que faz, a cada vez, em cada caso, que ela, sendo o que é, não seja todas as outras. Assim, “cada forma encerra uma multiplicidade de ser e uma quantidade infinita de não-ser.” (256 e). Até mesmo o Ser é outro, ou seja, é não ser em relação ao resto dos seres que ele mesmo não é. Fica, com isso, evidente que o Não-ser, longe de ser algo contrário ao Ser, é simplesmente alteridade, uma alteridade constitutiva da realidade mais básica. Essa nova ontologia platônica não trata mais de ideias transcendentais, mas de uma *koinonía* entre “ideias”, ou, dito agora num outro vocabulário: entre gêneros¹⁰.

A partir de uma tal *koinonía* entre os gêneros supremos descoberta no *Sofista*, onde o Não-ser se mostrou como alteridade, Platão vai fazer o estrangeiro eleata – que superou o eleatismo simplista – aplicar ao *logos* a possibilidade do erro e do falso. Eis que agora vamos, por um outro viés, adentrar a possibilidade de dar encaminhamento, a partir do *Sofista*, ao problema levantado por aquela passagem que incomoda no diálogo *Parmênides*, a saber, a

¹⁰ Podemos perfeitamente entender que no *Parmênides*, em sua segunda parte, Platão já fazia a proposta de uma estruturação de toda a realidade com base igualmente numa *symploké* de ideias que ele chamava lá de *koinonía*, termo intercambiável ao de *metéxis* (participação).

Bocayuva, Izabela
Entre o Parmênides e o Sofista de Platão

recusa juvenil de Sócrates em admitir a ideia de cabelo, por exemplo. Sendo o discurso sempre um discursar sobre algo, sendo ele sempre um *lógos tinós*, pode acontecer de se dizer acerca de algo, um outro algo que não se associe a ele, gerando-se, com isso, o erro ou engano. No pleno exercício do *lógos* tudo irá poder se associar ou não, desde que obedecendo à estrutura básica originária dos gêneros supremos. Ocorre assim, por exemplo, com o caso usado por Sócrates como discurso verdadeiro: “Teeteto está sentado”, no qual se diz de Teeteto o mesmo que ele; e do discurso falso: “Teeteto voa”, no qual se diz de Teeteto outro que não ele mesmo, ou seja, se diz dele o que não é. Ora, é a estrutura mesma do *lógos*, então, enquanto *lógos tinós* que deixará, explicitamente, tudo quanto há participar da ordem primordial das ideias; é por meio dele que se explicita o que está ligado podendo estar ligado, tanto quanto o que está ligado e não pode estar ligado, até mesmo quando estão em jogo até mesmo o cabelo e a lama. Assim, não há porque desprezar coisa alguma. Na verdade, não importa aqui esse ou aquele caso particulares. A grande questão é a estrutura¹¹. Mas será que com a constatação da possibilidade de a estrutura do *lógos (tinós)*, a seu modo, também poder proporcionar a articulação de tudo quanto há – tal como fora o caso da ideia do Uno no *Parmênides* –, seja verazmente, seja falsamente, se pode afirmar a existência da ideia de cabelo e lama? Ou ainda, será que a maturidade de Sócrates sugerida por Parmênides não dependeria de ele estar a ponto de responder ao mestre que essa questão não tem nem mesmo mais cabimento, ou seja, de que ela nem mesmo precisa ser formulada?

Mas uma coisa parece poder ser afirmada, a saber, a questão da participação, a *metéxis*, a partir da discussão do diálogo *Parmênides*, não pode mais ser pensada porque o sensível, numa duplicação, enquanto cópia separada, se ligaria (como?) ao inteligível separado, mas sim porque numa espécie, digamos ousadamente, de horizontalidade originária¹², dá-se a *koinonía* entre ideias ou formas universais, eternas, necessárias, constantes, em sua articulação a qual o *lógos* necessariamente ajuda a explicitar e à qual ele sempre já obedece estruturalmente, pois ela o constitui, muito embora ele possa apresentar dois modos de obedecê-la: como discurso verdadeiro e como discurso falso.

Talvez não se possa e nem mesmo se precise falar em ideia de cabelo e de lama, mas por tudo o que vimos não se pode mais negar que cabelo e lama e tudo mais, sem exceção, seja efetivamente atravessado por ideias, ou melhor, tenha sua origem a partir de uma

¹¹ Parece que no *Parmênides* o “recado” do mestre ao jovem Sócrates tem a ver com o mesmo: o que deve estar em questão quando se pensa as ideias no horizonte da participação é a estruturação desta numa rede de relações constantes e necessárias.

¹² Não encontrei terminologia melhor, mas reconheço que falar em horizontalidade em Platão é extremamente arriscado.

Bocayuva, Izabela
Entre o Parmênides e o Sofista de Platão

estrutura constituída por uma *symploké*, por uma *koinonía* de ideias, o que faz com que tudo o que há nesse mundo muito nosso necessariamente participe delas a partir de seu próprio e necessário jogo.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Valentín Garcia Yebra. Edición trilingue. Madrid: Gredos, 1982, 2ª Ed.
- PLATÃO. *Obras Completas*. Trad. Benedito Nunes. Belém: UFP, 1974.
- _____. *Parmênides*. Tradução Maura Iglésias e Fernando Rodrigues. São Paulo: Loyola, 2013. 4ª ed.
- _____. *PLATONIS OPERA*. Trad. John Burnet. Oxford: Oxford University Press, 1988, 18th ed.
- SANTOS, Mario Ferreira dos. *Platão, o um e o múltiplo: Comentários sobre o Parmênides*. São Paulo: Ibrasa, 2001.

[Recebido em outubro de 2014; aceito em outubro de 2014.]